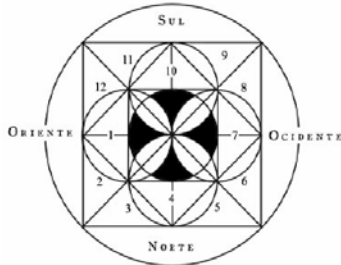


INTRODUÇÃO

Disse Agostinho da Silva em entrevista no *Jornal de Notícias* (17-11-87):

«Foram Portugal e Espanha – sobretudo Portugal – a darem ao Mundo o conhecimento de si mesmo. Agora lhes conviria e lhes caberia o papel de dar o conhecimento daquilo que é fundamental nesse Mundo: Toda a gente poder ter aquilo a que chamo de *Vida Poética*, no sentido de criadora, em qualquer dos domínios: artes, ciência, filosofia, mística. Isso é possível e deveria fazer-se.»

Tal intento universalista parece dever começar-se por nós próprios e pelos que nos são mais próximos, por pequenos círculos, animados, tanto quanto a humanos é possível, de vida contínua e de movimento de expansão ou de entrega ao Mundo, cada um dos quais, desenvolvendo-se por mestria de esquadro e de compasso, fosse por tal modo que pudesse representar-se na figura seguinte:



Temos aqui o campo geométrico dos doze à volta de uma *mesa redonda*, que tem por desenho a cruz templária de Portugal. Àqueles



que estão significados pelo 1, pelo 4, pelo 7 e pelo 10 – o que vem do Oriente, o que vem do Norte, o que vem do Ocidente e o que vem do Sul –, correspondem quatro triângulos activos (Δ) cujos prolongamentos das linhas de altura se cruzam no centro do círculo central; os restantes oito contam-se dois a dois (dois sobre o mesmo cavalo) – a Sudeste, a Sudoeste, a Noroeste e a Nordeste –, têm como casas triângulos passivos (∇) e para esses o contacto com o centro estabelece-se pela cruz de Santo André ou da Santa Força viril, pelo misterioso X, inicial do nome de Cristo e primeiro símbolo no itinerário do Claustro dos Jerónimos. A soma de 1, 4, 7 e 10 perfaz 22 (o Arcano Maior); a soma de 2-3, 5-6, 8-9 e 11-12 perfaz 56 (o Arcano Menor).

Ao do Oriente cabe o *nascer*, ao do Sul o *ver*, ao do Ocidente o *morrer* e ao do Norte o *ensinar*. São estas as quatro casas angulares do conhecimento poético:

1 – Não nasceu ainda quem não se conhece a si próprio, enquanto ser único e instantâneo.

4 – Depois do conhecimento de si mesmo que o acorda para a vida do Espírito, deve o indivíduo, o povo ou o Mundo tornar-se criador, por saber *ver*, nas artes, na ciência, na filosofia, na mística.

7 – Vem depois o momento do sacrifício de si próprio aos interesses superiores dos outros.

10 – Só então, senhor da tríplice chave, está capaz de ensinar a abrir *as portas do conhecimento*.

Este livro apresenta-se como o órgão literário de um desses círculos. É a expressão de um grupo que pretende cultivar a *Vida Poética*, tal como no-la faz entender Agostinho da Silva, em si e nos outros.

Todavia, somos onze e não doze, para que fique vaga uma cadeira, para quem quiser, puder e souber vir sentar-se nela.

Conta-se, na história da gesta do rei Artur, que havia uma cadeira por ocupar, mas só um cavaleiro de pura sabedoria teria coragem



para o fazer porque representava o lugar do perigo ou da suprema experiência. Nela se sentou Galaaz e, ao fazê-lo, a Terra tremeu nos seus fundamentos.

Agora, o sentido do símbolo é o mesmo mas diferente o aviso. A décima segunda cadeira só será ocupada e a Figura tornada perfeita quando toda a gente puder ter aquilo a que Agostinho da Silva chama de *Vida Poética*. Galaaz é, como ensinou Bruno n' *O Encoberto*, toda a humanidade.

